

11661

Volume 23

## Carlos Alberto Di Franco

É doutor em Comunicação pela Universidade de Navarra

E-mail: difranco@iics.org.br

Os linchamentos, assustadoramente frequentes, refletem a perigosa e radical descrença das pessoas nas instituições democráticas. Há risco de caos social

# Sociedade exausta

O Brasil está ficando esquisito. Violência sempre existiu. A decantada cordialidade brasileira dissimulou, frequentemente, o lado sombrio do nosso cotidiano. Mas agora é diferente. Não se põe o sol sem que imagens brutais alimentem a edição dos telejornais da noite. Linchamentos começam a fazer parte da rotina informativa. Para onde vamos? Como é que chegamos a isso? As perguntas estão subjacentes em inúmeras cartas, e-mails e comentários nas redes sociais. Todos sentem que a coisa está mal parada e não vai acabar bem.

Recentemente, Carlos Augusto Montenegro, presidente do Ibope, deu sugestiva entrevista à jornalista Sonia Racy, editora da coluna Direto da Fonte, do jornal "O Estado de S.Paulo". Vale a pena reproduzir suas declarações:

"Estou aqui há 42 anos e acho que esta é a eleição mais difícil da história do Ibope. A impressão que me dá é de que realmente o Brasil precisa fazer uma reforma política, mas fazer mesmo. Sintoma que as pessoas estão nauseadas, enfiadas, não sei o termo, estão enojadas. A princípio, pela leitura das pesquisas hoje, quem é o grande ganhador da eleição? Ninguém. Está cada vez

maior a fatia de branco, nulo, indeciso. O desânimo é com tudo, é com a política, é a confusão".

As reflexões de Montenegro explicam muita coisa e acendem uma poderosa luz vermelha. A sociedade está exaurida. A incompetência e a impunidade são o estopim da radicalização. Os problemas de mobilidade urbana, falta de segurança, carências na área da saúde, da educação passaram da conta. Pronunciamentos na TV e transferência de responsabilidade não funcionam mais. O povo cansou. E a exaustão pode despertar forças incontroláveis.

Os linchamentos, assustadoramente frequentes, refletem a perigosa e radical descrença das pessoas nas instituições democráticas. O risco do caos social não é uma hipótese alarmista. E a possibilidade de uma solução radical e autoritária também não. As instituições perdem credibilidade numa velocidade assustadora.

Os políticos e governantes precisam acordar. Os justicamentos, terríveis, são o primeiro passo de comunidades que começam a virar as costas para as estruturas do Estado. A "justiça" direta é terrível. É preciso dar uma resposta efetiva aos legítimos apelos da sociedade e não um discurso marqueteiro. A crise que está aí é brava. O isolamento mental de Maria Antonieta, em 1789, acabou na queda da Bastilha. A história é boa conselheira. Os políticos precisam sair um pouquinho da Ilha da Fantasia e sentir a temperatura do Brasil real. Os brasileiros merecem respeito.